



Crisis sanitaria, política y socioeconómica en América Latina y el Caribe: contribución de los estudios de población

Valparaíso (Chile), entre el 06 y el 09 de diciembre de 2022



Fecundidade masculina e as suas diversidades no Brasil: um estudo exploratório utilizando os dados na Pesquisa Nacional de Saúde de 2019 (Versão preliminar)¹

Laura L. R. Wong
Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
lwong@cedeplar.ufmg.br

Andréa Branco Simão
Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
deia@cedeplar.ufmg.br

Paula Miranda-Ribeiro
Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
paula@cedeplar.ufmg.br

Matheus Menezes dos Santos
Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
matheus.menezes@hotmail.com.br

1. Introdução

A fecundidade masculina (FM) ainda é uma dimensão pouco estudada por pesquisadores brasileiros. Razões que se retroalimentam podem ser apontadas como

¹ Os autores agradecem o apoio das agências brasileiras: Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNPq). As três primeiras autoras integram o grupo Ycamiabas – Grupo de Pesquisa em Fecundidade e Saúde Sexual e Reprodutiva.

justificativa para a pouca atenção que o fenômeno tem recebido, entre elas a escassez de dados, a dificuldade em medi-lo e a ambiguidade dos conceitos (Berkowitz, 2013; Ravanera e Rajulton, 2003; Zhang, 2011). Deve-se considerar, no entanto, que no contexto da atual transição demográfica latino-americana, o aumento da longevidade e, junto com ela, o surgimento de novos arranjos familiares ao longo dos ciclos de vida, são fenômenos cada vez mais comuns e evidenciam a necessidade de ampliar o número de estudos que investiguem as múltiplas questões envolvidas com a FM. Considerando esta lacuna, o objetivo central deste estudo é explorar algumas características da fecundidade masculina no Brasil, contemplando diferentes dimensões sociodemográficas implicadas no fenômeno, tais como número médio de filhos, idade, nível de escolaridade, raça/cor e orientação sexual.

Para alcançar os objetivos propostos, são utilizados dados provenientes da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada no Brasil em 2019. Desenhada para coletar informações sobre a situação de saúde, os estilos de vida da população brasileira, atenção à saúde, continuidade de cuidados e financiamento da assistência de saúde, esta pesquisa contém, além de inúmeras outras, variáveis pioneiras no Brasil, relativas à paternidade e a participação dos homens no pré-natal de suas parceiras (IBGE, 2021).

Este trabalho está organizado em cinco partes. Após esta introdução, na segunda parte são apresentadas, a partir de estudos desenvolvidos por pesquisadores de diferentes países, inclusive do Brasil, algumas breves considerações acerca da FM. Na terceira parte são descritos os dados e os métodos empregados para atingir os objetivos propostos no estudo. Em seguida, na quarta parte, os resultados são descritos e as análises apresentadas. Por fim, são tecidas as considerações, ainda preliminares, do trabalho. Nessa parte, também salientamos alguns dos pontos da agenda de pesquisa dos envolvidos neste trabalho. Listar tais pontos é relevante para que fique evidente o esforço inicial da equipe, a qual entende que ainda há muito a ser feito para que a fecundidade não seja assumida como um fenômeno exclusivamente feminino. Além disso, incluir os homens nesse cenário de mudanças marcantes em diversas dimensões demográficas, sociais e culturais é fundamental para que se tenha um retrato mais acurado da realidade e subsidie políticas sociais relativas, especificamente às famílias.

2. Fecundidade masculina: algumas considerações

As mudanças nos padrões e níveis de fecundidade são objeto de análise de um grande número de estudos desenvolvidos por demógrafos. Tradicionalmente, esses trabalhos são voltados para a fecundidade feminina e permitem um conhecimento bastante detalhado não só

do timing e do quantum da fecundidade, mas também de diferenciais segundo nível de escolaridade, raça/cor, situação conjugal ou estado civil, dentre outros. Schoumaker (2019) pontua que, através de dados provenientes de *surveys*, censos e sistemas de registro civil, a transição da fecundidade feminina é razoavelmente descrita na maior parte dos países ao redor do globo. Nesse contexto, Zhang (2011) argumenta que a centralidade da mulher nos estudos sobre fecundidade está baseada em dois conjuntos de razões: um, de natureza biológica e, outro, de natureza metodológica.

No que tange às questões biológicas, o autor aponta que a puberdade, a menopausa, a duração da gravidez e a amamentação, por exemplo, tornam a mulher um alvo de maior interesse para estudos envolvendo a fecundidade, uma vez que são aspectos exclusivamente femininos e tornam os homens, praticamente, livres dos determinantes próximos da fecundidade. Nesse sentido, segundo Zhang (2011), a fecundidade é, essencialmente, feminina. Além disso, de acordo com o autor, diferentemente dos homens, as mulheres apresentam um período reprodutivo mais delimitado e uma variabilidade menor no que diz respeito, por exemplo, ao número de filhos que podem ter em um determinado período e ao espaçamento entre eles.

Já no que diz respeito às questões metodológicas, Zhang (2011) esclarece que, historicamente, as informações sobre fecundidade têm sido coletadas das mulheres, pois eram elas que, a princípio, permaneciam mais tempo em casa e, pelo papel que desempenhavam no seio da família, acreditava-se que eram capazes de fornecer informações mais acuradas sobre fecundidade. Isso porque, em comparação com os homens, estavam mais diretamente envolvidas com os eventos reprodutivos. Adicionalmente, de acordo com o autor, modelos demográficos clássicos utilizam, em geral, as informações femininas - e não as masculinas - para serem construídos. Assim, a maioria esmagadora dos estudos no campo da demografia e da sociologia está voltada para a fecundidade feminina, deixando um grande hiato no conhecimento a respeito da fecundidade masculina, a qual tem sido, em geral, tratada em investigações realizadas nas áreas das ciências médicas e biológicas. Aliado a esses pontos, Zhang (2011) enfatiza que fatores relacionados à tradição teórica na demografia também influenciam a escolha de relegar a fecundidade masculina a segundo plano, já que raramente incluem discussões a respeito do homem.

Para Schoumaker (2019), circunscrever o conhecimento da fecundidade à fecundidade feminina provoca o desconhecimento das especificidades que envolvem o comportamento reprodutivo masculino. Isto deixa no ar o pressuposto dos níveis, padrões e mudanças da fecundidade masculina não diferirem do que se observa para a fecundidade feminina. Deixa,

também implícita, a noção de todo casal compartilhar interesses e comportamentos reprodutivos semelhantes. Ravanera e Rajulton (2003) enfatizam que mudanças sociodemográficas recentes, tais como taxas mais elevadas de divórcio e coabitação, aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e transformações na organização do domicílio, que passaram a demandar maior envolvimento dos homens na criação dos filhos, são alguns aspectos que mostram a importância de se trazer à luz questões atinentes à fecundidade masculina.

Embora o número de estudos acerca da fecundidade masculina esteja crescendo em diversos países, no caso do Brasil, pode-se dizer que o tema faz parte de uma área de pesquisa que ainda não está bem estabelecida. Por não ser um tópico proeminente de investigação, há inúmeras questões que precisam ser exploradas e muitos obstáculos a serem vencidos para que as limitações de diferentes ordens sejam entendidas e ultrapassadas e as potencialidades das pesquisas na área permitam ampliar o conhecimento sobre a contribuição masculina na dinâmica da fecundidade brasileira.

Apesar das dificuldades, contudo, alguns estudiosos vêm procurando trazer à luz o papel desempenhado pela figura masculina na conformação do perfil demográfico da fecundidade, inclusive, não heterossexual. Usando dados administrativos para calcular a fecundidade masculina no estado de São Paulo em 1983, Wong & Perillo (1986) verificaram o comportamento dos nascimentos por idade dos pais quando a declaração do nascimento era feita com atraso. Os resultados do estudo apontam para a necessidade de cautela quando se analisa a declaração de idade do pai no registro de nascimento: à época, em cerca de 10,0% dos registros de nascimentos, a idade do pai aparecia como “ignorada”, ou seja, ela não era informada. Já a análise da declaração da idade da mãe revelou uma situação bastante diferente: apenas 0,5% das declarações não continham essa informação. Em outras palavras, os dados dos anos 1980, para o estado de São Paulo, apontavam para um diferencial no comportamento, segundo sexo, negligenciando a informação sobre o pai no registro de nascimento dos filhos. Além dessa diferença, as pesquisadoras observaram que havia uma desigualdade marcante no tocante às idades de pais e mães no registro de nascimento. O percentual de homens que registraram seus filhos só era mais elevado do que o de mulheres nos grupos etários de idades mais elevadas (40 anos e mais). Adicionalmente, Wong & Perillo (1986) também observaram que a fecundidade masculina atingiu seu nível máximo entre os homens que tinham entre 20 e 30 anos. Já entre as mulheres, esse nível dava-se cerca de 5 anos antes. Assim, os resultados do estudo apontam para um comportamento diferenciado, em termos de fecundidade, quando

homens e mulheres residentes no estado de São Paulo, no início dos anos de 1980, eram comparados.

Três décadas depois, Falcão (2016) utilizou microdados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) e informações populacionais por sexo e grupos etários, disponibilizadas pela Fundação SEADE, para analisar o cenário de algumas cidades do estado de São Paulo em 2013. Assim como o estudo de Wong & Perillo (1986), os resultados de Falcão (2016) mostraram que, se comparada à fecundidade feminina, a fecundidade masculina era mais tardia e mais dispersa ao longo da vida.

Recentemente, utilizando microdados disponíveis na plataforma do *IPUMS International*, Santos & Wong (2020) calcularam, utilizando métodos indiretos, a Taxa de Fecundidade Total (TFT) masculina para oito países latino-americanos, inclusive o Brasil. De maneira geral, os pesquisadores observaram o que outros estudos já haviam salientado: quando comparada à fecundidade feminina, a fecundidade masculina é distribuída de maneira mais ampla ao longo do curso de vida e a idade média da fecundidade é mais elevada para os homens do que para as mulheres. Possíveis explicações para essas características, de acordo com os pesquisadores, estão tanto no fato de que o período reprodutivo do homem ser mais longo, nas diferenças de idade entre os casais e, também, na influência do contexto ou atitudes sobre o comportamento reprodutivo dos indivíduos. Além disso, Santos & Wong (2020) verificaram que a fecundidade masculina é mais elevada do que a feminina e que, nos países onde a transição demográfica teve início após os anos 1960, houve queda mais acentuada na fecundidade masculina, nesses casos, a diferença por sexo na TFT diminuiu ao longo do período analisado (1970-2010). O Brasil é um caso notável, onde o diferencial entre a fecundidade masculina e a feminina passou de 1,6 filhos para 0,2 filhos. Em alguns dos países analisados, os autores observaram um declínio, para homens e mulheres na idade média à fecundidade, que, de acordo com eles, pode ser explicada, parcialmente, em função da queda da fecundidade entre adolescentes e postergamento da gravidez e dos padrões de nupcialidade - distintos para homens e mulheres e que expressariam, também, os diferenciais de gênero no país.

Apesar da escassez e das dificuldades envolvidas nos estudos acerca da fecundidade masculina, Berkowitz (2013) ressalta que o número de homens que se tornam pais fora de uma união heterossexual tem crescido, sendo resultado de um leque de fatores, dentre os quais estão o desenvolvimento de novas tecnologias, mudanças no sistema legal de adoção, maior aceitação de gays e lésbicas e mudanças nas configurações familiares. Estudo qualitativo feito por Guedes de Souza e Miranda-Ribeiro (2022) parece apontar na mesma direção. Em função

disso, argumenta-se que, para ampliar o conhecimento e entendimento sobre a fecundidade masculina, é fundamental estudar com mais afinco a diversidade de estruturas, arranjos e práticas familiares atualmente emergindo. Roudinesco (2003) ressalta, no entanto, que há um temor em relação a tal diversidade, vista, com frequência, como um sinal de decadência dos valores tradicionais da família, escola, nação, pátria e, sobretudo, da paternidade, do pai, da lei do pai e da autoridade sob todas as formas. Apesar disso, Goldberg e Allen (2007) alegam que é preciso romper com a ideologia de família monolítica e com a noção de que todo e qualquer arranjo familiar é natural e funcional, além disso, pontuam que as mudanças que estão acontecendo nas famílias sinalizam para a emergência de novas formas de família e não para a desintegração dessa instituição social.

3. Dados e metodologia

Os dados são provenientes da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, realizada no Brasil pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Inquérito de base populacional, representativo do Brasil e da população residente em domicílios particulares, a PNS 2019 entrevistou indivíduos de 15 anos ou mais em cerca de 100 mil domicílios em todo o país.

Com desenho próprio, elaborado para coletar informações de saúde, a PNS é uma subamostra da amostra mestra da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) e foi planejada para a estimação de vários indicadores em diferentes níveis de desagregação geográfica. O plano amostral foi por conglomerado em três estágios de seleção: setor censitário, domicílio particular permanente e indivíduo de 15 anos ou mais (Stopa et al, 2020).

As informações, disponíveis na forma de microdados, on-line², estão divididas em três blocos temáticos, que incluem desde perguntas sobre informações do domicílio até questões específicas, destinadas ao morador selecionado para respondê-la. Pode-se dizer que ela representa um avanço em relação as pesquisas passadas, pois, além dos blocos que tradicionalmente já compunham as versões anteriores, a onda de 2019 incorporou quatro novos módulos e passou a selecionar moradores a partir de 15 anos para entrevista. Dentre os novos módulos, está o que, além de investigar diversas características sociodemográficas do entrevistado, coleta informações referentes à paternidade e pré-natal do parceiro (Stopa et al, 2020). As informações coletadas dos homens foram consideradas como uma forma de

2 <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/29540-2013-pesquisa-nacional-de-saude.html?edicao=9177&t=microdados> (Em 18/10/2022 – 11:37)

“contextualizar a importância do envolvimento consciente e ativo de homens em todas as ações voltadas ao planejamento reprodutivo, assim como conhecer indicadores sobre a fecundidade masculina no país” (PNS, 2019, p. 49).

Para este estudo, foram utilizadas informações deste novo módulo, particularmente aquelas sobre filhos nascidos vivos declarados diretamente pelos homens e, sobre filhos adotivos, fundamentais para que se tenha um entendimento um pouco mais amplo sobre questões relacionadas à fecundidade de homens unidos a outros homens.

Em que pese a enorme importância de se conhecer o perfil reprodutivo desde as idades mais jovens (inclusive adolescentes), em razão dos vários constrangimentos impostos aos dados, nesta fase da pesquisa, o estudo delimita a faixa etária de 25 anos e mais para desenvolver as análises. Considerando que o principal indicador – a parturição (ou número de filhos tidos por idade) - é uma medida de estoque, embora não tenhamos considerado a informação dos mais jovens, a resposta de qualquer indivíduo, independentemente da idade, inclui, efetivamente, a experiência anterior.

Finalmente, uma vez que existem eventos rarefeitos sendo pesquisados (como a orientação sexual e a existência de filhos adotivos) foram feitos esforços de incluir medidas da propensão a ter filhos. Estas variáveis foram incorporadas neste trabalho assumindo como hipótese de estudo que pessoas, com orientação sexual diferente da heterossexual, estariam mais propensas a adotar filhos. Em que pese o pouco número de casos captados, as tabulações preliminares apontaram nesta direção e, certamente, maiores análises são necessárias.

A quantificação das chances de aumentar a parturição foi feita mediante uma regressão logística, no caso da probabilidade de os homens terem filhos, e uma regressão Binomial Negativa para o número de filhos esperado. O principal interesse neste momento, antes que a predição, é avaliar o impacto das variáveis independentes escolhidas sobre a fecundidade masculina. Analisa-se o resultado da regressão logística em forma de razão de chance. Os resultados serão estimados com e sem a parte da regressão logística para oferecer uma análise mais profunda

4. Resultados preliminares

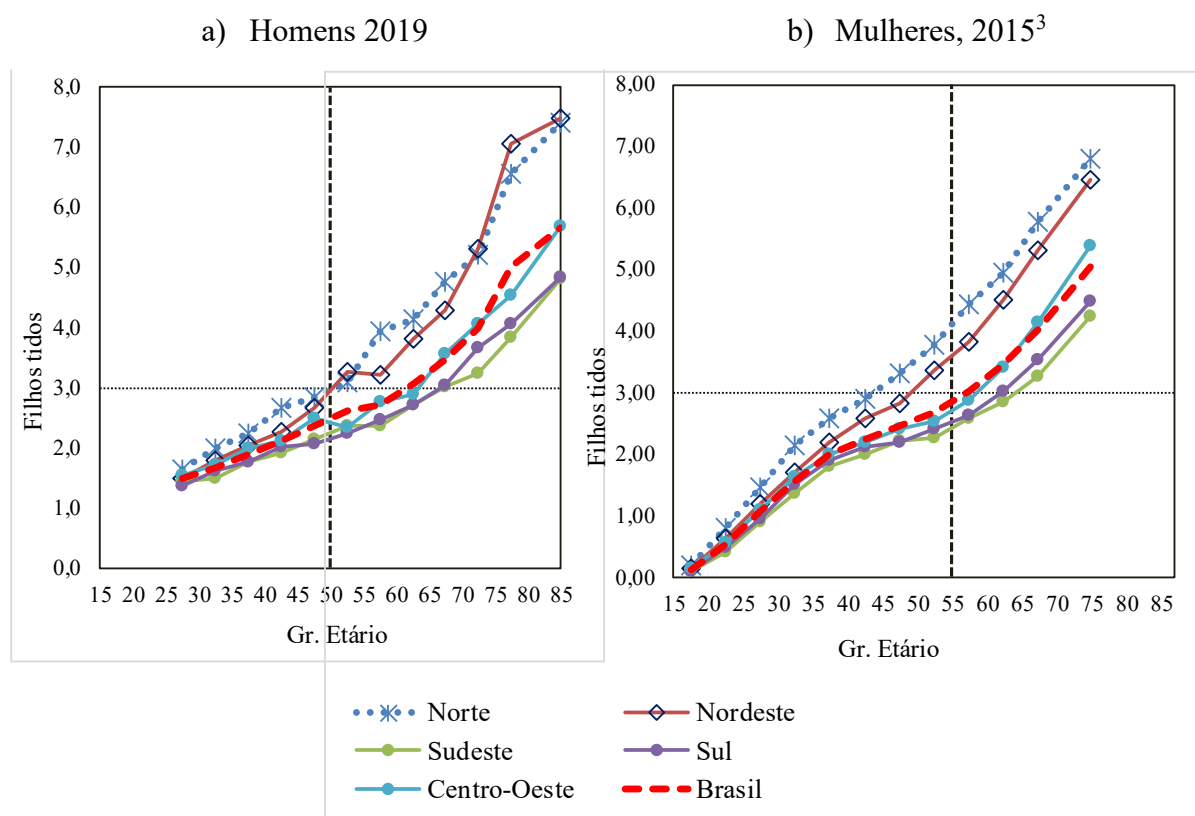
Neste item são apresentados os resultados preliminares sobre a FM. O indicador base, como dito, é a parturição por idade, ou número médio de filhos tidos. Apresentam-se as desagregações segundo as grandes regiões geográficas brasileiras, os níveis de educação e raça/cor da pele. Tendo necessidade de um indicador resumo, selecionamos a parturição em

grupos etários selecionados. Por último, em que pesem as limitações, inclui-se uma aproximação à parturição segundo orientação sexual.

4.1. Número médio de filhos por idade

Uma primeira aproximação ao comportamento reprodutivo masculino é apresentada no Gráfico 1, que mostra, por idade, o número médio de filhos tidos pelos homens com 25 anos e mais, para o total do país e suas cinco grandes regiões (Gráfico 1.a). Como elemento comparativo, inclui-se o indicador equivalente para as mulheres (Gráfico 1.b).

Gráfico 1
Brasil e Regiões - Número médio de filhos tidos por homens e mulheres, por idade 2019 e 2015, respectivamente



Apesar de não haver informação masculina para as primeiras idades, observa-se, em primeiro lugar, o gradiente diferenciado por regiões, coincidente, como esperado, com o perfil feminino e correspondendo às regiões menos desenvolvidas os níveis de fecundidade maiores

³ Último ano disponível antes da Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (PNAD), fonte utilizada, mudar a metodologia para se converter numa pesquisa contínua.

(Norte e Nordeste). Como indicador adicional de que a informação sobre fecundidade masculina é relativamente coerente, note-se que, não obstante haver perfis diferenciados por sexo, o número médio de filhos tidos, em torno da idade 50, quando a parturição feminina não aumenta mais, ficando em torno de 3 para elas. No caso dos homens, valores similares correspondem ao intervalo seguinte (de cinco anos a mais), o que – aproximadamente – é a diferença de idades de um casal médio.

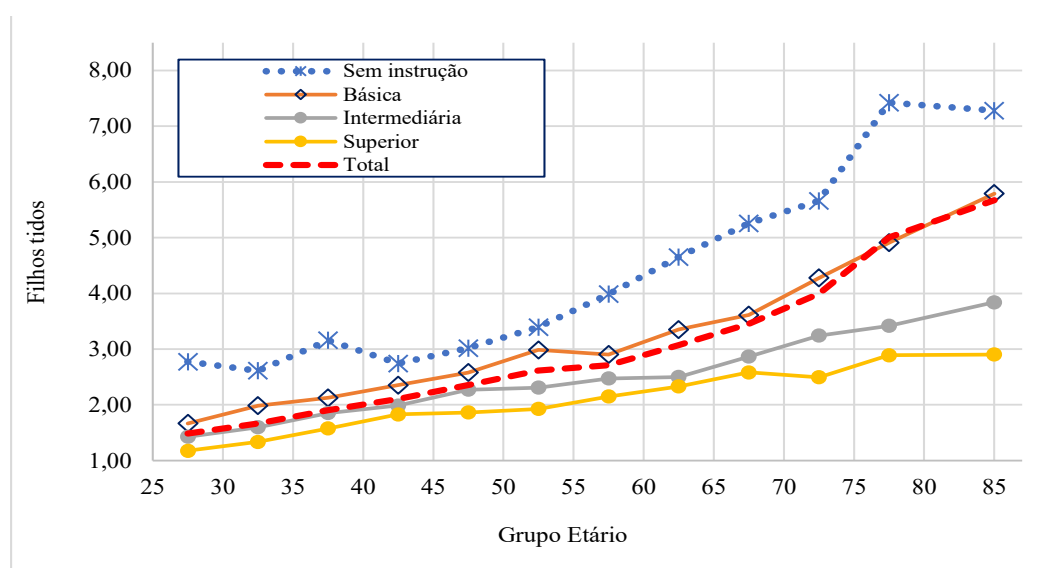
Em segundo lugar, esses perfis diferenciados manifestam-se na evolução por idade da curva da parturição. Com efeito, no caso das mulheres, como se registra com frequência, ela aumenta acentuadamente com a idade, na faixa em que é maior a fecundidade, e cessa ao fim da vida reprodutiva. Em se tratando de dados de período, ou transversais, como é o caso, aumentos do número médio de filhos depois da idade 50, no caso da mulher, indicam níveis maiores de fecundidade no passado. Segundo o Gráfico 1.a, se os dados são confiáveis, poder-se-ia afirmar que as mulheres atualmente na faixa dos 80 anos tiveram uma fecundidade equivalente, mínimo, a pouco mais de 5,0 filhos por mulher. Neste início de década, as mulheres com 50 anos de idade e cuja parturição não aumentará mais, o número médio final de filhos seria de 2,7. A diferença regional já mencionada amplia-se com a idade e as mulheres mais velhas do Norte e Nordeste teriam finalizado sua fecundidade tendo, pelo menos, algo próximo de 7 filhos por mulher.

Já no caso dos homens, entre os quais o final do período reprodutivo é ambíguo, a parturição mostra um aumento mais lento com a idade, apresentando um formato côncavo diferente da curva de parturição feminina. Não devendo se descartar as possibilidades de erro de memória ao reportar o número de filhos tidos, o padrão de aumento mais lento ainda nas idades mais jovens é mais acentuado nas regiões de maior desenvolvimento (Sul e Sudeste). Depois da idade 50, aproximadamente, o aumento da parturição é bastante acentuado chamando a atenção as Regiões Norte e Nordeste, onde os homens tiveram, ao final da vida, 7,5 filhos. Neste caso, a parturição nas idades masculinas avançadas apenas reflete o atual número maior de filhos dos mais velhos nestas regiões. Se grande parte da parturição é produto de filhos nascidos em décadas anteriores, este indicador replica claramente o processo regional de transição da fecundidade que se iniciou relativamente mais tarde nestas regiões. Novamente, simultaneamente à farta evidência sobre os erros de memória, que aumentariam como a idade no caso das mulheres, não há evidência sobre a qualidade das respostas masculinas e se, na existência de erros, estes tenderiam a sub ou sobrestimar o número de filhos tidos.

4.2. Alguns diferenciais da fecundidade masculina: educação e raça/cor da pele

O Gráfico 2 traz informações acerca do número médio de filhos tidos pelos homens com 25 anos e mais, segundo o nível de escolaridade. De maneira geral, observa-se, assim como ocorre entre as mulheres, uma divisão bem clara. Aqueles homens sem instrução e com apenas o nível básico de escolaridade foram os que apresentaram, de acordo com os dados da PNS 2019, as médias mais elevadas em termos de número de filhos tidos nascidos vivos. O oposto ocorre com aqueles com nível superior que, ao longo de todos os grupos etários, são os que apresentam os menores valores. A parturição dos homens com nível de escolaridade intermediário e superior mostram um paralelismo constante por idade, embora seja sempre menor entre os de alta escolaridade. Importante notar que as maiores diferenças se registram nas idades mais avançadas, reflexo provável da maior diferenciação da fecundidade segundo escolaridade, no passado.

Gráfico 2 – Número médio de filhos tidos por homens de 25 anos e mais, segundo níveis de escolaridade, Brasil, 2019

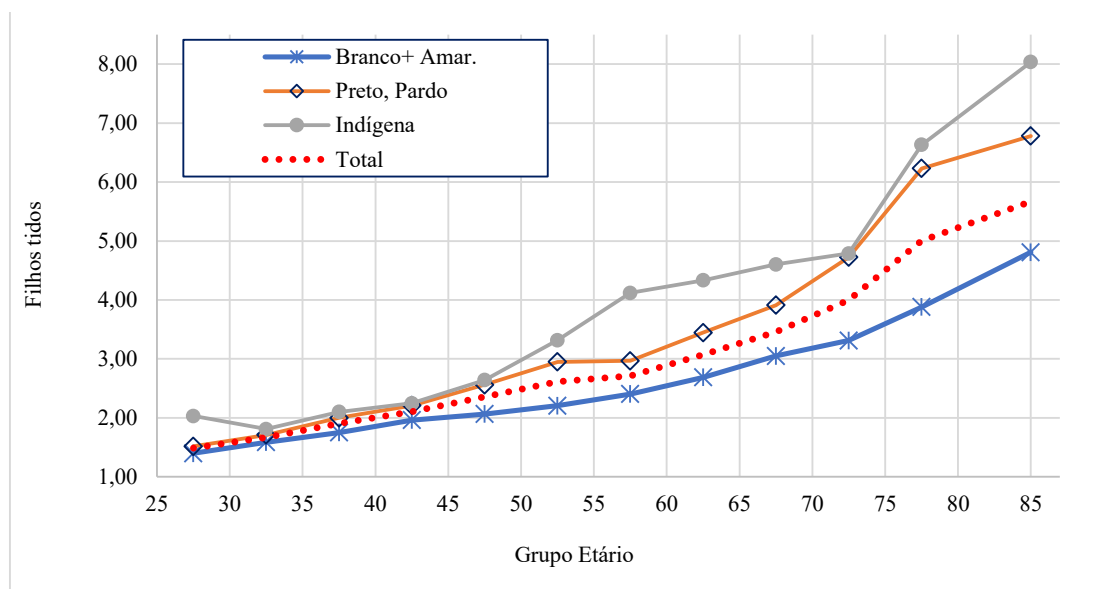


Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional de Saúde, 2019 – Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pns#Paternidade%20e%20pr%C3%A9-natal%20do%20parceiro>

A análise da parturição segundo raça/cor mostra-se diferenciada, assim como no caso anterior. No âmbito desse estudo, os homens brancos e amarelos apresentam um número médio de filhos menor do que os demais. No caso dos indígenas, que são os que apresentam números médio de filhos mais alto, é possível observar também que, além de começarem a vida reprodutiva com um número médio de filhos mais elevado do que os demais, o número

permanece alto com o aumento da idade, com uma elevação mais acentuada no grupo 50 a 55 anos e uma desaceleração entre 70 e 75 anos. Os dados do Censo Demográfico de 2010, de acordo com relatório do UNFPA (2018), já apontavam para o fato de as mulheres indígenas apresentarem, em comparação aos demais grupos de raça/cor, um maior número de filhos. Wong (2016) estima, para este segmento populacional, em 2010, uma Taxa de Fecundidade Total (TFT) de 3,89 e 4,8 filhos para a população indígena total e rural respectivamente. Estes valores seriam compatíveis com a parturição registrada para os homens nas idades entre 55 e 65 anos, equivalendo assim, á TFT feminina de aproximadamente 10 anos atrás que é a data do último censo.

Gráfico 3 – Número médio de filhos tidos por homens de 25 anos e mais, segundo raça/cor, Brasil, 2019



Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional de Saúde, 2019 – Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pns#Paternidade%20e%20pr%pr%C3%A9-natal%20do%parceiro>

4.3. Interpretando a parturição como medidor do nível da fecundidade masculina

Se, por um lado, o ciclo reprodutivo masculino diverge do feminino, por não existirem marcas biológicas evidentes do início e final dele, por outro lado, a fecundidade masculina, baseada no número filhos tidos por idade, pode ser associada a marcas deste ciclo. Neste sentido, pode-se assumir que a parturição às idades 30-34 anos, nesta finalização da década que passou, é um índice intermediário do nível de fecundidade masculina, apontando o percurso da fecundidade; a parturição às idades 50-54 poder-se-ia associar ao nível que a fecundidade atual teria já atingido, fechando o ciclo; e, finalmente –sem desconsiderar a presença de erros de memória– a parturição às idades 65-69 representaria o percurso passado

e já definitivamente concluído da fecundidade de gerações passadas. Com a possibilidade de nos aproximarmos a estes marcos, a Tabela 1 apresenta a parturição masculina nas citadas idades, segundo as categorizações regionais, de nível educacional e de raça/cor da pele.

A média nacional, para o grupo etário mais jovem, efetivamente, seria um indicador do nível da fecundidade masculina nacional e estaria abaixo dos dois filhos em média para cada homem, até o final ciclo reprodutivo. No caso das mulheres, a Taxa de Fecundidade Total, isto é, o risco atual de ter um filho nascido vivo agregado como um indicador sintético da fecundidade, está em 1,60 (quinquênio 2015-2019). Sabendo que o equivalente masculino tende a ser ligeiramente superior, a parturição de 1,66 parece, sim, representar o nível atual da fecundidade masculina para o Brasil de 2019.

Segmentos populacionais		Parturição (ou número médio de filhos)		
		30 - 34	50 - 54	65 - 69
Total do Brasil		1,66	2,62	3,46
Regiões	Norte	2,00	3,08	4,76
	Nordeste	1,78	3,26	4,28
	Sudeste	1,50	2,37	3,02
	Sul	1,61	2,23	3,04
	Centro-Oeste	1,71	2,34	3,57
Nível Educacional	Sem instrução	2,61	3,39	5,26
	Básica	1,98	2,99	3,61
	Intermediária	1,60	2,31	2,87
	Superior	1,34	1,93	2,58
Cor da pele	Branco e Amar.	1,59	2,20	3,05
	Preto, Pardo	1,71	2,95	3,91
	Indígena	1,81	3,32	4,60

Fonte: Microdados da PNS, Brasil, 2019 – IBGE.

A população masculina (idades 50-54) que estaria acompanhando a conclusão do ciclo reprodutivo feminino teria uma média de 2,6 filhos. Finalmente, as gerações onde a probabilidade de ampliação do tamanho da família, tendo em conta os padrões de nupcialidade recentes, é pequena, e segundo as estimativas do grupo etário 65-69, tem como descendência final uma média inferior a quatro filhos. Se este dado representa a fecundidade passada recente, ele se mostra coerente com o documentado sobre a transição demográfica brasileira, na qual a fecundidade já estava em plena transição há várias décadas.

Com relação aos diferenciais incluídos na Tabela 1, observe-se a bastante baixa fecundidade, por um lado, das regiões Sul e Sudeste, registrando para esta última, uma média de 1,5 filhos por cada homem de até 35 anos. Note-se, também, a menor parturição, do segmento masculino de maior nível educativo: 1,34 filho.

Depreende-se da Tabela 1 que a partir dos dados disponíveis na PNS se consegue, em primeiro lugar, traçar um panorama da fecundidade masculina bastante coerente com o que se sabe dos determinantes da reprodução humana; em segundo lugar, confirmam-se os níveis muito baixos e generalizados da fecundidade. O único segmento com uma parturição acima de dois filhos é aquele caracterizado como “Sem instrução”, já notado anteriormente e que, de qualquer maneira, neste estudo representa apenas 7% do total da população masculina.

4.4. A propensão a ter filhos

No esforço de um maior entendimento, apresenta-se na Tabela 2, a modelagem que oferece uma noção aproximada e resumida da propensão da população masculina de ter filhos, na forma de razões de chance. Dada a natureza das variáveis, como explicado na seção metodológica, o primeiro painel corresponde à regressão logística e, o segundo, à binomial negativa. Em todos os casos, a categoria de referência está explicitada. Da mesma forma, nesta seção, inclui-se a maneira de análise preliminar e exploratória, variáveis cujas respostas, como dito, correspondem a eventos rarefeitos: a orientação sexual e a categoria “filhos adotivos⁴”.

A regressão logística indica a menor chance, dos homens que nunca foram unidos, de declarar filhos biológicos e, muito menor ainda, de declarar filhos adotivos. Da mesma forma, pouca chance também se verifica entre aqueles que declararam não serem heterossexuais, chamando a atenção, aqui, para a pequena chance (mas não desprezível) de ter tido filhos adotivos.

Os coeficientes são crescentes com a idade em todos os modelos, mas crescem mais suavemente quando se trata de filhos adotivos e nos modelos com controle por inflação de zeros. Por exemplo, um homem de 35 a 39 anos tem 9,34 mais vezes de ter um filho biológico adicional e 4,17 mais vezes de ter um filho adotivo adicional do que um homem de 20 a 24 anos (modelos 1 e 5). Porém, dado que este homem é ou já foi unido e já é pai, um homem de 35 a 39 anos tem 4,02 vezes mais chance de ter um filho biológico adicional e 1,85 vezes mais chance de ter um filho adotivo adicional do que um homem de 20 a 24 anos nas mesmas condições.

4.

Quanto menor a escolaridade do homem, maior o número de filhos esperados – biológicos e adotivos. Porém, o número de filhos adotivos parece ser mais sensível a diferenciais de escolaridade do que o número de filhos biológicos (a amplitude das razões de chance é maior).

Tabela 2
Resultados da Regressão por Binomial Negativa com Inflação de Zeros: Razões de chance
- Homens - Brasil - 2019

a) Resultados da logística											
Variável e categoria de referência		Filhos biológicos					Filhos adotivos				
		Modelos					Modelos				
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Alguma vez unido	É ou já foi unido (ref.)		1,00		1,00	1,00		1,00		1,00	1,00
	Nunca foi unido		0,07		0,00	0,01		0,00		0,00	0,07
Sexualidade	Heterossexual (ref.)					1,00					1,00
	Não heterossexual					0,00					0,01
Constante			0,07		0,25	0,28		0,11		0,17	0,11
b) Resultados da Binomial negativa											
Variável e categoria de referência		Filhos biológicos					Filhos adotivos				
		Modelos					Modelos				
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Grupo etário	20 a 24 (ref.)	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	25 a 29	3,40	2,10	2,57	1,73	1,74	1,64	0,99	1,26	0,84	0,82
	30 a 34	6,48	3,10	3,98	2,40	2,43	3,30	1,59	2,08	1,23	1,27
	35 a 39	9,34	4,02	5,34	3,05	3,08	4,17	1,85	2,49	1,40	1,44
	40 a 44	10,57	4,55	6,07	3,41	3,44	4,29	1,84	2,66	1,48	1,46
	45 a 49	12,01	5,18	6,97	3,85	3,86	4,49	1,90	2,73	1,49	1,53
	50 a 54	13,50	5,92	7,69	4,27	4,33	5,33	2,20	3,20	1,76	1,77
	55 a 59	15,57	6,43	8,15	4,55	4,59	6,35	2,61	3,43	1,88	1,95
	60 ou mais	25,55	9,76	11,85	6,48	6,63	8,24	3,32	3,94	2,12	2,18
Nível de escolaridade	Primário	1,26	1,35	1,24	1,26	1,28	1,36	1,37	1,32	1,32	1,33
	Secundário (ref.)	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Superior	0,83	0,87	0,80	0,83	0,84	0,53	0,57	0,51	0,53	0,52
Raça / cor	Branços e Amarelos (ref.)	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Pretos e pardos e indígenas	1,18	1,17	1,14	1,13	1,13	1,34	1,32	1,31	1,30	1,28
Região	Sudeste (ref.)	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Norte	1,32	1,41	1,37	1,35	1,38	2,26	2,16	2,29	2,25	2,25
	Nordeste	1,25	1,33	1,25	1,26	1,29	1,46	1,45	1,43	1,43	1,44
	Sul	1,14	1,05	1,04	1,03	1,02	1,35	1,30	1,24	1,21	1,19
	C. Oeste	1,15	1,12	1,12	1,11	1,12	1,37	1,33	1,36	1,35	1,32
Sexualidade	Heterossexual (ref.)			1,00	1,00	1,00			1,00	1,00	1,00

	Não heterossexual			0,02	0,02	0,89			0,03	0,03	1,66
Constante		0,05	0,25	0,22	0,41	0,41	0,01	0,01	0,02	0,04	0,06

Fonte: Microdados da PNS, Brasil, 2019 – IBGE.

Em todos os modelos, o grupo pretos/pardos/indígenas tem um maior número de filhos esperados do que o grupo branco/amarelos. Este diferencial é ligeiramente maior para filhos adotivos. Os diferenciais regionais vão na mesma direção do que a literatura aponta para mulheres. Chama a atenção o fato de que os diferenciais regionais parecem ser maiores para filhos adotivos.

Sem o controle da regressão logística, homens da categoria não-heterossexuais têm comparativamente um menor número esperado de filhos (eles têm 2% da chance de ter um filho biológico adicional e 3% da chance de ter um filho adotivo adicional em comparação aos homens declaradamente heterossexuais, modelos 3 e 8). Mesmo considerando que estes homens são ou já foram unidos e que tiveram filhos, a chance de ter um filho adicional em comparação aos homens heterossexuais não muda.

5. Considerações finais

Os resultados apresentados aqui são preliminares e, portanto, devem ser vistos com cautela. Apesar disso, apresentaram-se bastante coerentes: eles corroboram o que se conhece dos atuais determinantes da fecundidade humana; há enorme semelhança com os perfis femininos, e, por fim, ressalta-se a coincidência entre o que seria a fecundidade feminina corrente, em termos de Taxa de Fecundidade Total e a parturição masculina às idades 30-34. Esta constatação, embora precise ser melhor verificada empiricamente, seria um indicador relativamente fácil para se coletar e importante para calibrar e validar tendências da fecundidade de outras fontes.

Vale salientar, também, que a questão com a qualidade dos dados relacionados à fecundidade masculina desponta como uma das primeiras preocupações entre pesquisadores que desejam investigar a temática. Em geral, o que se observa é que, em comparação com as mulheres, os homens relatam um número médio de filhos menor, particularmente se o nascimento acontece antes do estabelecimento de uma união. Questões ligadas à qualidade dos dados e à pouca informação disponível estão entre os argumentos utilizados para o baixo número de estudos envolvendo a fecundidade masculina. Os resultados aqui trazidos, estariam a demonstrar que é possível romper o círculo vicioso de *falta de dados/falta de estudos/falta de*

dados. Afortunadamente, a importância de pesquisas acerca da fecundidade masculina, incluindo um aprimoramento dos dados que permitam conhecer melhor padrões, níveis e tendências, são mudanças enfatizadas por pesquisadores de diferentes áreas (Berkowitz, 2013; Ravanera e Rajulton, 2003; Zhang, 2011; Schoumaker, 2019).

A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, fonte dos dados utilizados nesse estudo, embora tenha um módulo sobre Paternidade e Pré-natal do Parceiro, considerado uma novidade no cenário dos grandes bancos de dados do país, ainda padece do mesmo problema de outros grandes *surveys* nacionais: a qualidade dos dados acerca da fecundidade masculina ainda merece aprimoramento e as informações disponibilizadas precisam ser ampliadas. Embora expressem um avanço nos dados disponíveis sobre fecundidade masculina, informações relevantes ainda não estão contempladas. Por exemplo, informações sobre fecundidade masculina corrente são praticamente inviáveis de serem obtidas.

Ainda assim, mesmo diante de limitações existentes, os resultados apresentados neste estudo reforçam alguns fatos já bem conhecidos. O primeiro deles é que certos aspectos que marcam a fecundidade feminina também fazem parte da história da fecundidade masculina. Um exemplo disto é o fato de que existem diferenças regionais acentuadas na fecundidade, tanto feminina quanto masculina. Em geral, nas regiões Norte e Nordeste, as menos desenvolvidas do país, o número médio de filhos é mais elevado tanto para mulheres quanto para homens. Já nas regiões Sul e Sudeste do país, as mais desenvolvidas, se verificam números médios de filhos mais baixos.

Outro exemplo de similaridade entre a fecundidade masculina e feminina diz respeito aos diferenciais que acontecem segundo raça/cor. Assim como ocorre entre as mulheres, o número médio de filhos entre pretos e pardos é mais elevado do que entre brancos. O mesmo se sucede com a escolaridade, cujos resultados apontam para o fato de que homens com um menor nível de instrução possuem um número médio de filhos mais elevado.

Como pontuado por diferentes autores considerados neste estudo, analisar o comportamento masculino é fundamental para o maior entendimento dos processos de mudança que marcam as sociedades de maneira geral, inclusive a brasileira, e revelam que há, em tempos mais recentes, um entendimento da relevância do papel masculino no processo reprodutivo.

As dimensões que precisam ser consideradas para que se leve adiante estudos dessa natureza são diversas e requerem que um olhar atento para uma vasta gama de variáveis. Dentre tais variáveis podem ser citadas aquelas relativas à questão econômica envolvida nas decisões acerca da fecundidade e, também, aquelas ligadas aos processos de mudanças socioculturais.

Nos estudos acerca da fecundidade feminina, essas variáveis (além de muitas outras) já revelaram que têm um papel considerado como relevante sobre o *timing* e o *quantum* da fecundidade. Além disso, não se pode deixar de considerar o fato de que os efeitos da idade do homem, sobre a fecundidade, não serem tão fortes quanto sobre a mulher. Ou seja, a fecundidade do homem pode ser diluída ao longo da vida, o que dá a ele a chance de ter uma parturição maior, enquanto a fecundidade da mulher está restrita ao período reprodutivo que, mesmo com técnicas de reprodução assistida, é limitado.

Vale registrar que, embora seja um estudo exploratório, este trabalho permitiu uma aproximação dos pesquisadores com um tema e um conjunto de dados ainda pouco investigados no Brasil. Seus resultados, embora demandem análises maiores e mais profundas, já oferecem algumas contribuições importantes não só para um melhor conhecimento da dinâmica populacional, mas também para ampliação dos estudos no âmbito da saúde e das relações de gênero.

Por fim, cabe salientar que há, ainda, um longo caminho para que se conheça melhor a fecundidade masculina no Brasil. Esse estudo pode ser considerado como um primeiro ponto em uma agenda de trabalho que, sem dúvida, é longa, com muitas perguntas a serem respondidas e repleta de desafios a serem ultrapassados, entre eles, estariam: a qualidade e os tipos de erro nas pesquisas sobre FM e saúde reprodutiva masculina, em geral; a adaptação ou aplicação de métodos de mensuração ideados para a população feminina; a coleta de informação e a mensuração da fecundidade de casais homossexuais, incluindo aí não somente informações sobre filhos nascidos vivos, declarados diretamente pelos homens, mas também, informações disponíveis sobre filhos adotivos; a extensão da FM ao longo da idade reprodutiva e o papel das relações de gênero como determinante dos diferenciais da fecundidade masculina e feminina. Essas questões, aliadas a investigações consideradas relevantes num contexto de inúmeras mudanças demográficas e socioculturais, motivam e direcionam, atualmente, estas e futuras investigações.

Referências

BERKOWITZ, D. Gay men and surrogacy. P. 59-70. IN: LGBT-Parenting families: innovations in research and implications for practice. GOLDBERG, A. & ALLEN, K. R. (Org.). New York: Springer, 2013

FALCÃO, K. Fecundidade masculina em municípios do estado de São Paulo em 2013. Anais do XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2016.

GOLDBERG, A.; ALLEN, K. R. Imagining men: lesbian mothers' perceptions of male involvement during the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family*, n. 69, May, 2007, p. 352-365. Disponível em: <https://wordpress.clarku.edu/agoldberg/files/2012/03/GOLDBERG-ALLEN-JMF-2007.pdf>

MIRANDA-RIBEIRO, A.; GARCIA, R. A.; FARIA, T. C. de A. B. Baixa fecundidade e adiamento do primeiro filho no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*. 2019, v. 36 Disponível em: https://doi.org/10.20947/São0102-3098*0080

PNS. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: ciclos de vida. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 139p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101846.pdf>

RAVANERA, Z.; RAJULTON, F. Fertility of Canadian Men: Levels, Trends, and Correlates. Trabalho apresentado no Encontro Anual da Population Association of São Minneapolis, Minnesota, 1-3 de maio de 2003.

ROUDINESCO, E. A Família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 199 p.

SANTOS, M. M.; WONG, L. L. R. (2020). Male Fertility in Latin America: Na Analysis of Temporal Evolution and Nuptiality Differentials. Trabalho apresentado no IX Congresso de ALAP, 2020. <https://congresosalap.com/alap2020/resumos/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0088-1.PDF>

SCHOUMAKER, B. Male fertility around the world and over time: how different is it from female fertility? *Population and Development Review*, n. 45, v. 3, p. 459-487, September 2019.

GUEDES DE SOUZA, L. C.; MIRANDA-RIBEIRO, P. (2022). “Does Everybody Want the Hollywood Fairytale?” Same-Sex Couples Hinting at the Second Demographic Transition in Brazil. *Revista Latinoamericana de Poblacion*, 16, e202109. <https://doi.org/10.31406/relap2022.v16.e202109>

STOPA, S. R.; SZWARCOWALD, C. L.; OLIVEIRA, M. M. de; GOUVÊA, E. de C. D. P.; VIEIRA, M. L. F. P.; FREITAS, M. P. S. de; SARDINHA, L. M. V.; MACÁRIO, E. M. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: histórico, métodos e perspectivas. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, n. 29, v. 5, 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000500004>

UNFPA. Funda de População das Nações Unidas. **Fecundidade e Dinâmica da População Brasileira**. Brasília: 2018. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/swop_brasil_web.pdf

WONG, L. L. R.; PERILLO, S. R. (1986) O comportamento do registro atrasado de nascimentos segundo a declaração de idade dos pais. *Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais* 1986.

WONG, L. L. R. (2016). Tendências da fecundidade dos povos indígenas nos Censos Demográficos brasileiros de 1991 a 2010. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 33(2), 399-421. <https://doi.org/10.20947/S0102-30982016a0038>

Anexo 2 - Tablas básicas sobre parturição masculina

Tabela A1- Brasil e Regiões - Número médio de filhos tidos por homens e mulheres (anos 2019 e 2015, respectivamente) - por idade						
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
Mulheres, 2015						
15 – 19	0,18	0,15	0,09	0,10	0,13	0,12
20 – 24	0,80	0,62	0,42	0,49	0,57	0,53
25 – 29	1,45	1,20	0,91	0,95	1,10	1,06
30 – 34	2,14	1,71	1,36	1,51	1,63	1,56
35 – 39	2,59	2,18	1,80	1,90	2,00	2,00
40 – 44	2,89	2,57	2,00	2,11	2,19	2,25
45 – 49	3,31	2,83	2,21	2,20	2,42	2,46
50 – 54	3,77	3,35	2,26	2,42	2,53	2,68
55 – 59	4,43	3,83	2,57	2,63	2,88	3,01
60 – 64	4,95	4,51	2,85	3,01	3,41	3,45
65 – 69	5,76	5,30	3,26	3,52	4,14	4,02
70 ou mais	6,80	6,45	4,23	4,49	5,38	5,05
Homens, 2019						
25 – 29	1,6	1,5	1,4	1,4	1,5	1,5
30 – 34	2,0	1,8	1,5	1,6	1,7	1,7
35 – 39	2,2	2,0	1,8	1,8	2,0	1,9
40 – 44	2,7	2,3	1,9	2,0	2,1	2,1
45 – 49	2,8	2,7	2,1	2,1	2,5	2,4
50 – 54	3,1	3,3	2,4	2,2	2,3	2,6
55 – 59	3,9	3,2	2,4	2,5	2,8	2,7
60 – 64	4,1	3,8	2,7	2,7	2,9	3,1
65 – 69	4,8	4,3	3,0	3,0	3,6	3,5
70 – 74	5,2	5,3	3,2	3,7	4,1	4,0
75 – 79	6,6	7,1	3,8	4,1	4,5	5,0
70 ou mais	7,4	7,5	4,8	4,8	5,7	5,7

Fonte: Microdados de PNS, 2019 e PNAD, 2015

Tabela A2 - Pessoas do sexo masculina que declararam ter orientação sexual diferente da heterossexual		
	Filhos tidos	Filhos adotados
25-29	1,1720	1,0000
30-34	1,3740	1,7215
35-39	1,7743	1,0000
40-44	1,6599	3,7788
45-49	1,9488	1,3385
50-54	1,9168	1,9654
55-59	2,2971	1,5904
60-64	2,4227	2,2039
65-69	4,0000	2,1028
70-74	5,2081	
75-79	2,6787	1,0000
Total	1,9389	1,9016

Fonte: Microdados de PNS, 2019 e PNAD, 2015

Anexo 2: Um comentário sobre a qualidade das respostas sobre orientação sexual na PNS 2019/Brasil

Tabela A3 BRASIL - 2019 Respostas dos homens entrevistado às categorias sobre orientação sexual na PNS/2019 (Por cem)	
Heterossexual	30,2
Bissexual	0,2
Homossexual	0,4
Outra orientação	0,0
Não sabe	0,3
Recusou-se a responder	0,6
Total	31,7
Sem resposta	68,3
TOTAL - (N=190.851)	100,0

As respostas válidas sobre orientação sexual equivalem a 31,7% do total; observa-se, em primeiro lugar, que, unicamente 0,6% (N=1.500) declara as opções bissexual e homossexual. A categoria “Outra orientação” não atingiu percentual significativo. A muito pequena magnitude resultante é um impedimento para qualquer corte analítico mais detalhado que precise ser feito. Em segundo lugar, ressalte-se que apenas 30,2 % dos entrevistados declararam-se heterossexuais, ficando mais de dois terços de respostas no limbo. Com relação a esta última, resultados preliminares indicam perfis relativamente diferentes ao serem comparados com a média (total de homens), independentemente da orientação sexual. Estes percentuais ilustram o grau de dificuldade que a PNS teria tido para pesquisar sobre orientação sexual e alerta para o alto grau de cuidados metodológicos a ter em futuros análises.